



## QUEIXAS ESCOLARES E O ATENDIMENTO PSICOEDUCACIONAL: DA APARÊNCIA À ESSÊNCIA

Amanda Passarella Araujo (UEM)

Bruna Carolina Bigatão (UEM)

Eloah Pirani Peron (UEM)

João Henrique Colombo Nascimento (UEM)

Laura Gomedí (UEM)

Luis Donadon Leal (UEM)

Maria Fernanda Damasceno de Melo (UEM)

Rosana Aparecida Albuquerque Bonadio (UEM)

ra106942@uem.br

**Resumo:** Este trabalho visa discutir sobre as principais queixas recebidas em 2024 pelo Projeto de Extensão “Atendimento psicoeducacional a crianças com problemas de escolarização e TDAH”, vinculado ao Departamento de Psicologia da UEM e a Unidade de Psicologia Aplicada (UEM). As demandas para o projeto chegam por duas vias: demanda espontânea, ou seja, os próprios responsáveis da criança foram os que procuraram o atendimento psicoeducacional na UPA; e encaminhamentos dos grupos de estágio do 5º ano em psicologia escolar da UEM. As demandas foram recebidas pelo psicólogo da UPA que, ao entrar em contato com os pais ou responsáveis das crianças, agendou as entrevistas, as quais foram realizadas pelos estagiários. Algumas queixas identificadas foram: muito fechado, se sente burro, não tem interesse, tem dificuldade de relacionamento, agressivo, hiperativo; dificuldade, memória, não escreve, se distrai muito, não é organizado, autista, problemas de atenção, demora na realização da tarefa, insegurança em relação a aprendizagem, não respeita as regras, agitado, impulsivo. No momento, um dos objetivos do projeto é investigar se as queixas escolares referentes às crianças expressam as queixas reais, para tanto precisamos ouvir o que as crianças nos dizem durante os atendimentos em grupo, observar as crianças em sala, manter contato e um diálogo próximo à escola e a família. Envolver todos os atores é necessário para entender e desvelar a queixa em sua essência, indo além da aparência, evitando desta forma os diagnósticos e a medicalização das queixas escolares e da infância.

**Palavras-chave:** Atendimento Psicoeducacional; Processo de ensino e aprendizagem; Psicologia Escolar; Queixas escolares; TDAH.



## **Introdução**

As discussões e estudos desenvolvidos por meio do projeto se fundamentam na Psicologia Histórico-Cultural, uma abordagem teórica, que busca analisar e explicar o desenvolvimento mediante as interações do indivíduo com o meio. Visto que, segundo Vygotsky, as funções psicológicas superiores, como a fala, o pensamento e a atenção, se estruturam e se desenvolvem a partir da relação entre as mediações, cultura e o aparato biológico. Considerando que, para a Psicologia Histórico-Cultural, o desenvolvimento da aprendizagem depende de mediações, quando estas acontecem parcialmente, o processo de aprendizagem também é afetado. Nesse ínterim, a Pandemia da Covid-19 trouxe inúmeras restrições, dentre elas cabe destacar a prática de ensinar e aprender, que neste período foi impactada pelo fechamento das escolas em atendimento às medidas sanitárias, que afetou o processo de ensino e aprendizagem, decorrendo em dificuldades e comportamentos, transformados em queixas.

Compreende-se que a escola é um ambiente organizado para o desenvolvimento e aprendizado das crianças, no qual se espera que elas aprendam o conteúdo programático das disciplinas e possam interagir socialmente com colegas e professores. No entanto, percebe-se que esse mesmo ambiente com potencialidades de desenvolvimento pode ser também um contexto propício para a percepção equivocada de diversos diagnósticos de transtornos psicológicos. Esses diagnósticos são realizados a partir da constatação de comportamentos apresentados pelas crianças consideradas fora de um padrão da “normalidade”, tais como: comportamento hiperativo, dificuldade em se manter atenta em um conteúdo, dificuldade na escrita, leitura, resolução de problemas matemáticos. Segundo Bonadio (2013) muitas vezes esses comportamentos resultam no diagnóstico encaminhados pela equipe pedagógica, professores e família. Além disso, é comum também a medicalização de crianças muito novas justificadas pela melhoria na aprendizagem, nos quadros de TDAH, autismo, entre outros. Geralmente o diagnóstico pouco contribui para a prática do professor, servindo para a diminuição da ansiedade de pais e professores que não sabem lidar com a criança e suas diferenças.

Tendo isso em vista, este trabalho objetiva apresentar, discutir e refletir sobre as principais queixas do ano de 2024, presentes nos encaminhamentos de crianças para o projeto de extensão “Atendimento psicoeducacional a crianças com dificuldades de escolarização e



Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade-TDAH”. O projeto ocorre na Unidade de Psicologia Aplicada (UPA), um Serviço Escola vinculado ao Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM-Campus Maringá) e tem como objetivo fornecer atendimento a crianças que apresentam como queixa principal dificuldade no processo de aprendizagem e TDAH, se apresentando como uma alternativa que substitua a medicalização. O projeto é composto por uma coordenadora docente do Departamento de Psicologia (DPI) da Universidade Estadual de Maringá (UEM), um psicólogo escolar, duas fonoaudiólogas, um psicólogo clínico, uma assistente social, um agente administrativo e estagiários do 2º ao 5º ano do curso de psicologia.

## **2. Metodologia**

As demandas para o projeto chegaram por meio de duas fontes: a primeira se refere à demanda espontânea, ou seja, os próprios responsáveis pela criança que procuraram o atendimento psicoeducacional na UPA; e via os grupos de estágios do 5º ano em psicologia escolar da UEM, os quais divulgam as vagas para o projeto em seus locais de estágio. Assim que as demandas foram recebidas, o Psicólogo Escolar da UPA entrou em contato com os pais das crianças. Em concordância com as duplas de estagiários que realizariam a primeira entrevista e com as famílias, foram agendadas as entrevistas iniciais. Nestas anamneses, os responsáveis apresentaram determinadas queixas, tais como: “muito fechado”, “se sente burro”, “não tem interesse”, “tem dificuldade de relacionamento”, “agressivo”, “hiperativo”, “memória”, “não escreve”, “não presta atenção”, “não é organizado”, “autista”, “demora na realização da tarefa”, “insegurança em relação à aprendizagem”, “não respeita as regras e impulsivo”.

Após as primeiras entrevistas com os pais e discussão em equipe, foram selecionadas algumas crianças para compor o grupo. O grupo formado contempla crianças de 7 a 12 anos, que estão entre o 2º e o 6º ano do Ensino Fundamental. Ele acontece semanalmente nas sextas-feiras de manhã na UPA (Unidade de Psicologia Aplicada), no contraturno escolar das crianças e tem duração de 1 hora e meia.

Os encontros e as atividades propostas para cada encontro são pensadas para potencializar e desenvolver as funções psicológicas superiores, como memória mediada, controle da conduta, atenção voluntária e raciocínio lógico, necessárias para o aprendizado e o



desenvolvimento escolar. No início do encontro é realizada uma dinâmica buscando uma criação de vínculo e aproximação entre as crianças e os estagiários; em seguida, a atividade proposta é intencional e organizada buscando ao mesmo tempo identificar os processos de leitura, escrita, raciocínio matemático e favorecer o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Ao final, é deixado um tempo livre para que as crianças escolham um jogo e compartilhem com o grupo. A mediação dos estagiários como par superior é fundamental, ou seja, possibilita à criança alcançar realizações que ainda não consegue fazer sozinha. Nos encontros, três estagiários participam, sendo que um fica responsável por coordenar, outro para auxiliar e o último realizar anotações (Bonadio *et al.*, 2019). Todos os relatos são inseridos em um drive, compartilhado entre os participantes, o que possibilita o trânsito e diálogo entre as informações, favorecendo as discussões dos casos e o processo de desvelamento da queixa.

Os encontros são pensados e sistematizados previamente durante as reuniões, com a participação dos estagiários e dos profissionais que indicam leituras e conduzem as reuniões, os textos são lidos previamente e discutidos, buscando estabelecer a relação com a prática. As atividades são organizadas coletivamente, os estagiários que participam dos grupos compartilham a experiência durante as reuniões, os professores colaboram com observações, os demais alunos fazem perguntas aprofundando os relatos, essas informações servem para planejar os encontros futuros, ponderando o que está funcionando e o que pode ser alterado.

### **3. Desenvolvimento e resultados**

Segundo a psicologia escolar embasada na Psicologia Histórico-Cultural, teoria que fundamenta as atividades realizadas pelo projeto, a criança deve ser compreendida em sua totalidade. Neste sentido, defende-se que o desenvolvimento se dá a partir de condições históricas e materiais, levando em consideração as mediações recebidas durante o processo de desenvolvimento. Sendo assim, um dos objetivos do grupo é investigar se as queixas das crianças trazidas pelas famílias representam as queixas reais, para tanto precisamos ouvir o que as crianças nos dizem durante os atendimentos em grupo, como também manter contato e um diálogo próximo à escola e a família. Realizar observações em sala, entrevistas com a professora, analisar o material escolar faz parte dos procedimentos necessários para entender e desvelar a queixa em sua essência indo além da aparência (o que escutam da escola, da professora, etc). Até o momento foram realizados cinco encontros com as crianças e uma



reunião com a equipe pedagógica da escola a fim de explicar os objetivos do projeto e estabelecer uma parceria. As observações em sala de aula e as entrevistas com as professoras já foram previamente agendadas, assim como uma reunião com os responsáveis das crianças participantes do projeto.

#### **4. Considerações finais**

Os pais e a escola, através das observações em sala, possibilitam a aparência da queixa, e os estagiários buscam, por meio das atividades planejadas e intencionais, acessar sua essência, para compreendê-la de forma total. Isso quer dizer que o que surge nas entrevistas com os pais é apenas o que se mostra de questões mais amplas, quando a investigação se limita à aparência corre-se o risco de exercer uma prática meramente descritiva, ou seja, a queixa não é investigada, nem entendida e explicada como pertencente a um todo, mas de forma superficial e distante da realidade. A metodologia para pensar a queixa escolar deve extrapolar a visão que reduz o problema à criança, pois este não inicia e não termina nela, este modelo não questiona os problemas das escolas como produtos históricos, circunda o indivíduo a uma visão naturalizante, como se os problemas estivessem intrínsecos a ele, não considerando a formação histórica do psiquismo. Isso é percebido nas queixas citadas na qual os problemas de aprendizagem são identificados por anormalidades atribuídas à criança. O grupo busca acessar informações sobre as potencialidades das crianças, o movimento do seu pensamento, aspectos sobre seu desenvolvimento psicológico, para planejar atividades que possibilitem o desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

#### **Referências:**

BONADIO, Rosana Aparecida Albuquerque. **Problemas de atenção: implicações do diagnóstico de TDAH na prática pedagógica**. 2013. Tese de Doutorado. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Maringá, Programa de Pós-graduação em Educação, Maringá, Pr, Brasil.

BONADIO, Rosana Aparecida Albuquerque *et al.* Sem efeitos colaterais: atendimento psicoeducacional a crianças com problemas de escolarização e transtorno de déficit de atenção e hiperatividade. In: TULESKI, Silvana Calvo; FRANCO, Adriana de Fátima (org.). **O lado sombrio da medicalização da infância: possibilidades de enfrentamento**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2019, p. 302-319.